

A Escola Anne Sullivan, de São Caetano, a única do País que atende surdos-cegos gratuitamente, consolida um método para alfabetizar os deficientes. Reportagem de Rosa Luiza Baptistella/AE.

Uma nova vida para crianças deficientes

A Escola de Educação Especial Anne Sullivan, a única do Brasil a prestar atendimento gratuito a surdos-cegos e pioneira na América Latina, funciona há 13 anos em São Caetano do Sul. E vanguarda parece ser o estigma da instituição que, nestes anos 90, deve consolidar o método da comunicação total para alfabetização daqueles deficientes. Adotada sem restrições nos Estados Unidos e Alemanha, a filosofia é relativamente nova no País e ainda muito discutida, em especial na educação de surdos a qual a escola também se dedica. Na Anne Sullivan, contudo, é uma prática rotineira porque foi comprovada pelos educadores, que levaram suas experiências a congressos internacionais e constataram: não ficam a dever nada e ainda ganham em criatividade.

A professora Nice Tonhozi Saraiva Loureiro, que inspirou a fundação da Escola Anne Sullivan, defende a comunicação total com fervor. "A criança surda ou

surda-cega tem de se comunicar de qualquer jeito. Não se pode insistir apenas no desenvolvimento de sua linguagem oral, mas explorar todos os seus sentidos porque o mundo é que deve compreendê-la e não o inverso", argumenta.

Shirley Rodrigues Maia, coordenadora pedagógica na escola, explica que, com todos os meios de comunicação ao seu dispor, o deficiente é quem vai optar pelo que mais lhe agrada. São meios: linguagem de sinais, alfabeto manual, desenho, expressão corporal, música, dramatização, leitura labial e tado (linguagem oral por meio do tato).

Para os surdos, que são muito detalhistas e possuem uma memória visual perfeita, cada pessoa tem um sinal característico, ou seja, uma espécie de apelido pelo qual é conhecida no grupo: "Devido ao meu hábito de usar lenços e écharpes, eles me identificam com um gesto de fazer um nó", diz Shirley.

O salário é baixo, mas não há falta de professores.

A escola foi criada em setembro de 77. É mantida por uma fundação municipal, subvencionada pela Prefeitura de São Caetano do Sul (90%), além de convênios com a LBA e a Associação Christoffel Blindenmission, da Alemanha. Estão matriculados no período da manhã 19 alunos com dupla deficiência. O acompanhamento é individual, ou seja, uma professora para cada criança. Para atendimento do surdo-cego não existe limite de idade para ingresso ou desligamento. Após passar por triagem para comprovação de diagnóstico, o deficiente é admitido, independentemente do local de residência. Não existe curso para formação de professores nesta área. Assim, os profissionais com habilitação em audiocomunicação são treinados na própria escola.

O salário mensal (bruto) é de

R\$ 24 mil, mas, por incrível que pareça, não falta mão-de-obra. Setenta e um surdos frequentam o curso vespertino. Estes deficientes são aceitos a partir de dois anos e meio, em classes de maternal, e prosseguem até a quarta série do primeiro grau. Cada série é trabalhada durante dois anos, mas são respeitadas as dificuldades individuais: "Se for preciso, o currículo de uma série pode ser cumprido em mais alguns semestres", explica Shirley Maia.

O trabalho desenvolvido na Escola Anne Sullivan já ultrapassou fronteiras. Dalvanise de Farias Duarte, coordenadora pedagógica, informa que a equipe técnica já participou de vários eventos internacionais, sempre a convite dos promotores (o custeio, em geral, esteve por conta dos participantes). O mais recente foi no Canadá.

A idéia de iniciar a educação de surdos-cegos no Brasil surgiu em 1953, logo após a visita de Helen Keller, americana que se tornou famosa por vencer as barreiras da dupla deficiência e chegar à universidade, graças ao esforço de sua professora Anne Sullivan.

"Quando vi que aquele fenômeno era uma realidade, decidi que minha vida tomaria este rumo", conta Nice Tonhozi Saraiva Loureiro, que na época era professora especializada na educação de cegos e tornou-se a primeira educadora brasileira a se aperfeiçoar no método de surdos-cegos.

Para tanto, obteve bolsa de estudos na Escola Perkins, dos EUA. De volta ao País, trouxe o firme propósito de criar um espaço destinado àqueles deficientes e difundir a técnica. Viabilizou seu sonho em São Caetano do Sul.

Os alunos têm acompanhamento constante dos professores. Os profissionais com habilitação em audiocomunicação são treinados na própria escola, pois não há curso para formação de professores na área.



Clóvis Granich Sobrinho/AE

Capital tem escola na Aclimação

Em São Paulo, a professora Ana Maria de Ramos Silva — treinada na Escola de São Caetano — fundou a Associação para Deficientes Audio-Visuais, que funciona na Aclimação.

A duras penas, o núcleo é mantido com contribuições mensais dos alunos (cobradas de acordo com o nível socioeconômico), promoções e ajuda dos sócios. Trata-se de uma educação cara (segundo cálculos feitos por técnicos da São Caetano do Sul, cada criança custa R\$ 50 mil/mês), o que leva a associação a lutar por subsídios governamentais.

É preciso encontrar o aluno em sua solidão

Após atuar alguns anos na instituição municipal, treinar equipes e ver sua prática frutificar, começou um novo trabalho. Com apoio da Federação das Obras Sociais, instalou em São Paulo o setor de orientação a surdos e surdos-cegos adultos após escola. "Este trabalho de constante renovação do aprendizado é muito importante para que o deficiente se mantenha em forma", orienta a mestra.

Dona Nice, como é carinhosamente chamada, acumula em sua agenda participações em congressos, de âmbito nacional e internacional, acompanhando, como intérprete, a surda-cega mineira Maria Francisca da Silva, um dos maiores exemplos nacionais de superação dos limites sensoriais. Nos próximos dias 19 e 20 elas estarão no Mato Grosso do Sul, no Congresso da Federação Nacio-

nal de Educação e Integração de Surdos.

O trabalho com surdos-cegos começa do nada. As professoras não têm um ponto de referência para encontrá-los em seu mundo de solidão. Precisam iniciar uma busca que exige sensibilidade e perseverança, sem estabelecer limites, regras ou resultados. O lema é paciência e repetição. Qualquer retorno — um som, o esboço de um gesto, o início de um movimento — já pode ser considerado uma vitória porque é a partir daí que o deficiente estabelecerá contato com o mundo exterior.

"A evolução varia de criança para criança, depende do potencial de cada uma, de seu grau de deficiência. Ela vai levar anos, às vezes, para abrir uma fresta, mas é gratificante", diz Dalvanise de Farias Duarte. Ela trabalha com deficientes há 18 anos e, em sua opinião, o ingrediente básico para

a tarefa é o equilíbrio emocional. "Há surdos-cegos que chegam aqui com dois anos de idade, sem perceber nada ao seu redor. Não conhecem os pais, não têm controle sobre qualquer parte de seu corpo. Temos, então, de começar do começo mesmo. Iniciar a estimulação para que eles vivenciem todas as fases de desenvolvimento. Dentro de seus limites, é claro, buscando sempre uma forma de comunicação", conta Dalvanise.

As técnicas de estimulação variam; algumas vezes são até intuitivas. "Há crianças que rejeitam qualquer tipo de contato físico. Não admitem aproximação. Então, a gente olha para aquele ser e fica se perguntando: onde posso encontrá-lo? Quais caminhos me levarão a você? É um estudo demorado, na tentativa de detectar resíduos dos sentidos e potencializá-los", revela Shirley Maia.